

INTERAÇÃO EM AMBIENTES VIRTUAIS: CONSIDERAÇÕES PARA A ARTE DE ENFERMAGEM

Marcos Antônio Gomes Brandão *
Maurício Abreu Pinto Peixoto **
Márcia de Assunção Ferreira ***
Viviane Modesto Ferraz ****

RESUMO

Este estudo estatístico-descritivo teve como propósito caracterizar a interação mediada pelo computador e correlacioná-la a dimensões da natureza da enfermagem. Aplicamos uma metodologia analítica e descritiva. Foram conceitos centrais para o estudo os da interação na perspectiva da enfermagem, da comunicação mediada pelo computador (CMC) e de arte de enfermagem. A técnica empregada foi a análise de conteúdo. O material de análise foi composto por um *corpus* de mensagens eletrônicas produzidas por participantes de uma comunidade virtual de enfermagem. Os principais resultados evidenciam um processo interacional entre os participantes da comunidade virtual que expressa uma singularidade na interação em ambientes virtuais. Apresentamos e discutimos alguns elos entre a interação em ambientes virtuais e a arte de enfermagem. Finalmente, são apresentadas algumas contribuições gerais que o presente estudo pode oferecer para o desenvolvimento de habilidades para a criação de contextos que privilegiem o encontro em comunidades virtuais.

Palavras-chave: Informática em enfermagem. Arte. Relações interpessoais. Redes de comunicação de computadores. Comunicação.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Reconhecendo que as conversações, as emoções e razões são ligadas entre si, assim como defende Maturana (2001), supomos que a interação mediada por computador pode ser objeto de investigação pela enfermagem, e nesta intenção, conectaremos alguns elementos desta modalidade de interação com os significados de arte.

A interação mediada por computador é caracterizada pelas perturbações causadas no outro, por meio de ação e reação que têm lugar no ciberespaço. A conversação representa a expressão mais comum destas interações, e nos ambientes virtuais computacionais, tais

conversações podem ser síncronas e assíncronas em relação ao tempo presencial.

Na afirmativa de Johnson (1991), a natureza da arte de enfermagem tem primazia sobre a natureza da ciência de enfermagem. Assim, a ciência de enfermagem serve à arte de enfermagem, e não ao reverso. Tal afirmativa constituirá pressuposto para o presente estudo, que trata de caracterizar a interação mediada pelo computador e correlacioná-la a dimensões da natureza da enfermagem.

A arte de enfermagem assume diferentes significados, mas pode ser considerada como o *know-how* que um enfermeiro tenha em uma situação particular e seja utilizado para

* Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Professor da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN/UFRJ). Membro do Grupo de Estudos em Aprendizagem e Cognição (GEAC). Membro do Núcleo de Pesquisa de Fundamentos do Cuidado de Enfermagem (Nuclearte/EEAN).

** Médico. Doutor em Medicina. Professor do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES/UFRJ). Líder do Grupo de Estudos em Aprendizagem e Cognição.

*** Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ. Membro do Nuclearte.

**** Enfermeira do Hospital Pró-Cardíaco. Mestranda em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde (NUTES/UFRJ). Membro do GEAC.

alcançar um resultado particular (JOHNSON, 1991). A partir desta assertiva, há na comunicação bem-sucedida um aspecto de arte. Johnson (1994), desenvolvendo um exame dos discursos sobre a arte de enfermagem, pôde pontuar cinco diferentes significados para o termo, que são descritos como a habilidade do enfermeiro para: (a) apreender significado no encontro com o paciente; (b) estabelecer uma conexão significativa com o paciente; (c) realizar atividades de enfermagem de modo hábil; (d) determinar racionalmente um curso apropriado para a ação de enfermagem e; (e) conduzir moralmente sua prática de enfermagem.

Supomos que a comunicação mediada por computador (CMC) possa preservar as habilidades referentes ao encontro e conexão com o cliente e à condução racional e moral da ação, pois essas habilidades não dependem de uma experiência concreta e presencial para ocorrer. Dito de outro modo, quando ligamos o termo arte a significados mais abstratos, podemos vislumbrar possibilidades para o desenvolvimento de um aprendizado de enfermagem em ambientes virtuais, como por exemplo, a internet.

Assim sendo, as interações que acontecem entre humanos nos ambientes virtuais não deixam de ser substancialmente interações de natureza humana. A adição da máquina cria um novo conjunto de interações, mas estas não subtraem a dimensão da interação humana, em especial, nas situações de comunicação mediada pelo computador.

Para Jungblut (2004), em um esforço de ser conceitualmente rigoroso, a internet é apenas a base material do processo em que o virtual depende, fundamentalmente, do tipo de comunicação experimentado pelos homens que operam os computadores. Nesta perspectiva, as relações virtuais são aspectos da CMC, mas seus produtores são os mesmos que habitam os ambientes presenciais.

Hoje em dia, um número cada vez maior de pessoas pertencentes ao corpo social de enfermagem cria suas identidades virtuais em grupos e comunidades para compartilhar experiências, trocar informações e construir conhecimento em questões relacionadas à enfermagem.

Para se ter uma idéia da presente afirmativa, na busca que fizemos por grupos de discussão na categoria “enfermagem” em dois servidores nacionais de hospedagem - o Yahoo Grupos® e o Grupos.com.br® - obtivemos de retorno o resultado de 307 e 36 grupos na categoria temática, respectivamente. Quando ampliamos nossos critérios de busca nos dois servidores para incluir a palavra “enfermagem” para qualquer categoria, o resultado é ainda mais significativo, passando para 1051 grupos no Yahoo e 208 grupos.com.br.

Muitas destas identidades virtuais do ciberespaço são estudantes e profissionais que cuidam, aprendem e ensinam o cuidar em meios presenciais. Sendo assim, é relevante considerar como um problema o atual estado de desconhecimento que temos sobre as interações que se processam nestes ambientes de aprendizado contínuo de enfermagem e de que modo a arte de enfermagem pode avançar neste contexto.

A questão que se impõe aqui pode ser a seguinte: não seria da natureza da pesquisa de enfermagem incluir a interação, a construção do conhecimento e a aprendizagem em ambientes virtuais, em vista da crescente busca por informação e/ou construção de conhecimento nestes ambientes, por parte daqueles que exercem a enfermagem?

Se presumirmos que o conceito de arte para a enfermagem inclui dimensões relacionadas à interação, é justificável voltarmos-nos para o entendimento de aspectos que configuram conversação, encontro, emoção e reflexão em ambientes virtuais.

O presente artigo busca trazer alguns resultados de pesquisa que possam caracterizar a interação em ambientes no alcance de uma possibilidade para a arte de enfermagem.

METODOLOGIA

O cenário foi constituído por uma comunidade virtual de enfermagem, baseada em uma lista de discussão, isto é, um endereço público na internet que distribui para todos os filiados a lista das mensagens por eles enviadas.

Usualmente há um ou mais moderadores responsáveis por administrar as listas de discussão. Na pesquisada, este papel foi desenvolvido de modo predominante pelo moderador-fundador ou *owner*. A ele competia organizar e divulgar as relações, as regras de participação e a “filosofia da comunidade”. A “filosofia” constituída a partir de mensagens e redigida em um arquivo de texto atendia aos preceitos de aprendizagem colaborativa, de solidariedade, de respeito mútuo e de liberdade de expressão.

O período pesquisado compreendeu 188 dias, ou seja, a primeira fase, que levaria à constituição da comunidade virtual. Nesta fase a lista ou grupo virtual tinha a finalidade de ser monotemático, discutindo o tema proposto inicialmente pelo moderador. Já na segunda fase, o interesse de discussão de diversos temas foi reconhecido e aceito pelo moderador-fundador, assumindo então, a característica de uma comunidade de discussão multitemas de enfermagem e aprendizagem. A mensagem de número 934 enviada pelo moderador marca a mudança de foco e serviu de referencial para a delimitação das fases da comunidade virtual.

A filiação dos novos membros não implicava em aprovação prévia do moderador para que o participante pudesse utilizar todos os recursos disponibilizados no grupo virtual, o que implica em um grupo virtual aberto.

Em relação ao gênero declarado ou presumido das identidades virtuais, a análise da assinatura das mensagens postadas e das denominações das identidades criadas nos permitiu presumir e/ou determinar que 68% eram do sexo feminino e 14% do sexo masculino. Porém, para 18% dos filiados no período não foi possível identificar qual o gênero da identidade virtual mediante a análise de nomes/apelidos/identidades virtuais ou do conteúdo das mensagens.

Durante o período aproximado de seis meses de coleta dos dados compuseram a lista 134 filiados de diversas regiões do Brasil. Destes, cinquenta enviaram pelo menos uma mensagem eletrônica (e-mail). Em relação à categoria profissional na vida presencial, 44% declararam ser alunos, 36% enfermeiros, 10% docentes e 4% técnicos de enfermagem. Os

restantes 6% não declararam categoria profissional ou eram de outra categoria.

O material preparado na forma de um *corpus* para ser analisado incluiu os textos de 1018 mensagens eletrônicas postadas por membros da comunidade virtual durante a primeira fase. Perfizeram o *corpus* todas as mensagens legíveis e únicas (válidas) enviadas desde a criação do grupo virtual até a postagem da mensagem que finalizou a última conversação iniciada na primeira fase (conversação de número 112). Portanto, foram consideradas 981 mensagens válidas de um período de 188 dias.

No *corpus*, as mensagens foram organizadas em uma planilha eletrônica tendo como campos principais: o número da mensagem, o autor da mensagem, a data e hora de postagem e o texto (incluído o assunto da mensagem).

Aplicou-se a técnica de análise de conteúdo com a finalidade de delimitar as conversações iniciadas a partir do tema agregador, ou seja, da mensagem que iniciava uma conversação. A análise de conteúdo permitiu que fossem trilhadas 112 conversações iniciadas na primeira fase da comunidade.

Foi desenvolvida uma caracterização da interação pelo uso tanto das mensagens em separado quanto das conversações como um todo. Os procedimentos estatísticos selecionados foram os da estatística descritiva. Entre os procedimentos utilizados ressaltam-se a representação por valores absolutos e percentuais e a aplicação de medidas de tendência central.

A despeito da ausência de posição consensual sobre os procedimentos éticos neste tipo de estudo, foram respeitadas as diretrizes estabelecidas pela própria comunidade e por seu moderador. No entanto, para obtenção de parecer especializado, o projeto de pesquisa do qual o estudo deriva foi submetido à apreciação ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery e Hospital Escola São Francisco de Assis, tendo obtido parecer favorável (DOC. SISNEP FR-58786).

Por fim, não houve recusa de nenhum filiado a ter suas mensagens utilizadas no estudo nem qualquer mensagem de desagravo ao estudo ou aos métodos de seleção e

utilização do material de análise produzido pelos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No presente tópico apresentamos e discutimos alguns aspectos derivados da análise da interação na comunidade virtual de enfermagem. Começaremos contextualizando o ambiente interacional e posteriormente apresentaremos indicativos das conversações.

O ambiente interacional da comunidade

A lista de discussão foi criada para debater um tema específico em enfermagem. Para viabilizar a estratégia de formação do grupo, o moderador-fundador enviou 460 convites de adesão para endereços de correio eletrônico de seu círculo de relação profissional e de endereços públicos alinhados ao tema de interesse do grupo. As adesões começaram a acontecer aos poucos.

Não obstante, a taxa de aceitação dos convites iria começar a mostrar uma outra vocação para o grupo. Considerados os seis meses estudados, somente 6,3% de todos os convites enviados reverteram em filiação, e ao final do período os convidados do moderador representaram apenas 21% das adesões. Assim, quase oitenta por cento de todos que ingressaram no grupo virtual o fizeram sem um convite do fundador.

As mensagens postadas nos primeiros meses davam indícios de que esta multiplicidade de filiados não convidados causaria interferência no propósito do moderador-fundador de formar uma discussão monotemática.

Verificamos que o moderador-fundador se esforçou na tentativa de debater o tema original. Suas mensagens representaram em torno de 30% de todas as mensagens enviadas no período de que tratamos no artigo. O moderador foi o autor de aproximadamente 24% do total das mensagens que foram enviadas por 49 participantes de conversações temáticas. Trata-se de um esforço significativo para manter o foco no propósito de criação do grupo. Iniciava-se uma certa batalha dialógica.

Nossa interpretação da descrição aqui apresentada e dos dados ilustrativos nos permite fazer algumas considerações.

Em primeiro lugar, supomos que nas situações em que ocorrerem divergências entre objetivos e estratégias os desfechos podem ser inesperados. Ao buscar estabelecer um objetivo de discutir um único tema profissional, o moderador desejava criar um grupo de interesse; porém sua estratégia, ao contrário, colaborava para que objetivos os mais diversos pudessem concorrer como que em relações ecológicas de conversações nas quais prevaleceriam os temas que mais interessassem aos que participavam.

Em segundo lugar, em uma perspectiva dialética, o “fracasso” do moderador em focalizar o tema pode ter facilitado o sucesso da construção de um senso de comunidade, já que a solidariedade, a cooperação e a convivência exigem que se façam concessões individuais em prol de interesses coletivos.

Esta situação é exemplar para a compreensão das dimensões de conexão com o outro e da busca de apreender o significado do encontro, aspectos que fazem parte do conceito de arte. Na comunidade, os participantes buscavam obter uma comunicação que gerasse a conversação, o que presume a possibilidade de inferir significado da escrita dos demais participantes, assim como nos meios presenciais a ação social é construída nas relações que dependem fortemente da linguagem.

Ainda que a interação mediada pelo computador tenha similaridades com as dos meios presenciais, alguns outros aspectos estão minimizados. Por exemplo, a questão da autoridade é diluída em comunidades não-institucionais de filiação aberta, já que os clássicos mecanismos de sanção social não são aplicáveis. No entanto, outras formas de sanção estão presentes, como o silêncio, a moderação das mensagens e o desligamento do grupo. Na comunidade pesquisada tais procedimentos são franqueados apenas ao moderador-fundador e aplicados em casos extremos, após esgotarem-se outras formas de negociação.

Cumpramos ainda acrescentar a influência das convenções sobre a condução das conversações.

O estímulo à liberdade de expressão e ao alto fluxo de mensagens retirava do moderador a capacidade de limitar as conversações ao tema de seu interesse, até porque sua legitimidade para a função só estaria garantida se ele fosse capaz de conduzir sua prática dentro das convenções da comunidade.

A flexibilidade promoveu na comunidade a interpenetração de objetivos de conversação. Assim, a segunda maior conversação durante o período do estudo foi produzida por um tema social. Uma mensagem convidando os filiados a saudarem o outro e fazer uma breve apresentação envolveu 19 participantes diferentes, que produziram 37 mensagens. A média anterior a esta conversação era de aproximadamente 06 mensagens e três participantes diferentes por conversação.

Para compreender esta tendência que fala de coerência na contradição e na ausência de dualidade entre razão e emoção talvez seja

mais adequado considerar o paradigma mais contemporâneo da ciência. Assim, estabelecer um olhar mais orgânico e sistêmico não nos parece dissociado das características de uma comunidade virtual, pois, assim como nos sistemas, as interações são aspectos-chave na organização e vida de uma comunidade (VASCONCELLOS, 2003).

A comunicação mediada pelo computador e as conversações

Com foco nas conversações, a descrição estatística da comunicação desenvolvida pelos participantes da comunidade virtual pesquisada demonstra que, em um âmbito geral, foram conversações mais focadas e delimitadas. No que concerne às variáveis duração, número de mensagens e número de participantes nas conversações, a Tabela 1 traz algumas estatísticas básicas:

Tabela 1. Estatísticas básicas das variáveis de interação considerando as conversações iniciadas e finalizadas durante o período pesquisado, Rio de Janeiro.

Estatísticas	Variável	Duração (dias)	Número de mensagens	Número de participantes
Mediana		04	4,5	03
Valor mínimo		01	02	02
Valor máximo		99	52	20
Quartil 3		10	08	05
Quartil 1		02	03	02

Ao interpretar os achados apresentados na Tabela 01, verificamos que, considerando-se as medianas, na tendência, as conversações foram breves, com poucas mensagens, e envolveram uma reduzida participação de diferentes identidades virtuais. O quartil 1 que separa o primeiro um quarto da distribuição das mensagens demonstra valores bem baixos, com conversações de até 03 mensagens, o que poderia incluir turnos curtos, como, por exemplo, uma pergunta-resposta-agradecimento, com dois participantes apenas. Partindo-se para a quartil 3, que representaria a inclusão de três quartos de toda a distribuição das conversações, o número de mensagens representa apenas 08 mensagens, com um número de cinco participantes. Tais indicativos reiteram a afirmativa de conversações breves.

Assim, um aspecto relevante para a arte de comunicar-se em ambientes virtuais é reconhecer seu traço de velocidade e objetividade. A comunicação mediada por computador, em especial nas listas de discussão, tende a gerar mensagens eletrônicas dirigidas para muitos, e estas não possuem o lastro com o tempo. Também, permitem a alta ocorrência de superposição de conversações, inclusive com a mudança de foco no tópico no decorrer da própria conversação (HERRING, 1999). Por fim, a participação não costuma envolver grandes segmentos de filiados. Mesmo em grupos onde existam padrões mínimos para participação nas discussões, o percentual de participantes e de mensagens trocadas entre eles pode não alcançar valores elevados.

Honey, Gunn e North (2004) apresentam seus resultados da discussão em uma comunidade de aprendizagem, institucional, formada por enfermeiras pós-graduadas. Nela, o número de mensagem por participante nas três discussões consideradas foi de duas a três mensagens. Destaca-se que o padrão mínimo definido pelas docentes responsáveis pela lista foi de duas mensagens por participante. Elas verificaram também que as postagens tendiam a aumentar ao final do período de 30 dias estabelecido para cada discussão, o que, em nossa interpretação, demonstra o esforço de atingir os padrões mínimos exigidos.

Tais resultados exigem que se considere esta característica como um fator relevante se o propósito for colaborar para a aprendizagem ou o cuidado do outro. De certo modo, ao escrever a mensagem há que considerar a objetividade da informação sem perder a especificidade necessária do assunto a ser tratado. Trata-se de um *know-how* particular, que exige a percepção de uma nova realidade bastante contemporânea no cotidiano das pessoas.

Alguns traços tendem também a dar uma identidade às conversações na comunidade pesquisada.

No que concerne à aprendizagem, uma análise das mensagens permitiu que se verificasse que na comunidade pesquisada existiu um predomínio dos questionamentos e solicitações de auxílio para aprender (44% dos relatos de aprendizagem), seguidos do agradecimento por alguma questão respondida ou auxílio prestado (19% dos relatos de aprendizagem). Estes eventos interativos, que objetivam a aprendizagem, formam um par conversacional amplamente caracterizador da conversação, qual seja, pergunta-resposta (a resposta estando pressuposta pelo agradecimento).

Também se depreende que as mensagens vão constituindo o ambiente para a conversação. Na comunidade os temas sociais predominaram como unidade de significado em aproximadamente 36% das mensagens, ao passo que os temas que poderiam ser relacionados aos conteúdos sobre a enfermagem ou temas correlatos representaram 59% das mensagens.

Há que considerar que a participação no ambiente da comunidade virtual pesquisada era voluntária, e mais do que isso, não existiam finalidades explícitas de avaliação ou legitimação do conhecimento ou da autoridade epistêmica. Ao contrário, repetidas mensagens reiteravam a necessidade de um diálogo horizontal, onde toda participação estaria condizente com os propósitos de conversação.

Compreender esta interpenetração potencial entre emoção e razão em um diálogo simétrico parece ser um fator elementar para a interação em ambientes virtuais. Considera-se que em tais ambientes os sujeitos possuem certo grau de afastamento de suas identidades presenciais. Pode também influenciar o fato de que quem escreve a mensagem está interagindo com textos redigidos em ambientes que lhe são familiares, inclusive sem precisar defrontar-se fisicamente com seu interlocutor.

Se transportarmos esta presumida autonomia e segurança para a relação interpessoal, poderemos esperar algumas modificações, por exemplo, na relação enfermeiro-cliente. Ao contrário dos cenários institucionais, onde o enfermeiro tende a assumir o papel daquele que ensina e intervém, em um suporte a distância pela “tele-enfermagem” o eixo tende a dirigir-se para a aprendizagem e colaboração. Para que ocorra a conversação o cliente deve ultrapassar a passividade e ser capaz tanto de refletir sobre suas necessidades quanto de comunicá-las.

Certamente é possível manter um diálogo baseado em preceito hierárquico; no entanto, no ambiente virtual os interlocutores possuem grande possibilidade de dispor do silêncio sem que as pressões sociais clássicas possam ter grande efetividade. Em tese, há uma infinidade de justificativas que permitiriam ao cliente sustentar a legitimidade de seu silêncio.

Tais características fazem da interação em ambientes virtuais uma potencialidade no que se refere a aspectos que encontram ressonância no discurso humanista da enfermagem.

Maturana (2004) defende a colaboração como elemento essencial para a constituição de uma educação amorosa e uma democracia que não seja voltada para a dominação. Também para Freire (2006), a prática educativa

deve passar por preceitos que hoje em dia surgem como centrais para a manutenção de uma comunidade virtual, como, por exemplo, o diálogo, o respeito aos saberes do outro e a tomada consciente de decisões.

Finalmente, por sua própria natureza, o conhecimento de enfermagem, como apresentado por Carper (1978), é capaz de ser aplicado como alinhado a esta nova dimensão para a arte de enfermagem. Para Carper (1978), um dos conhecimentos da enfermagem envolve o conhecimento pessoal como aquele capaz de privilegiar a totalidade e integridade, evitando os comportamentos manipulativos. Trata-se de um conhecer-se a si mesmo que em um contexto de colaboração permite o estabelecimento de um encontro interpessoal. Dada a natureza do conhecimento da enfermagem, o diálogo (conversação) deveria ser caminho de destaque na construção do novo conhecimento (WALDOW, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exposto, supomos que as idéias aqui apresentadas tenham oferecido uma contribuição ao trazer uma reflexão sobre as relações que existem entre a interação em uma comunidade virtual de enfermagem e a arte de enfermagem.

O conceito de interação envolve diferentes eventos e elementos de interesse de várias disciplinas, entre elas a enfermagem, a educação, a psicologia, a física, a biologia, a informática, a geografia e outras. Na enfermagem a interação é um conceito relevante e elemental.

Investigamos a interação como um processo comunicacional da conversação, mas reconhecemos que o conceito envolve diferentes elementos, que dão conta das relações e influências mútuas entre dois ou mais fatores, entes ou outros elementos; nas quais cada fator altera o outro, a si próprio e também a relação existente entre eles (PRIMO; CASSOL, 2006).

Se hoje encaramos a interação entre todos os aprendizes do cuidado e destes com seus clientes somente na perspectiva da presença do corpo físico, da comunicação no “contexto real” e da manifestação comportamental de

afetividade, por meio das ações de tocar e expressar empatia, por exemplo, necessitamos no mínimo refletir sobre uma expansão do processo de reflexão crítica também para as situações em que a interação se dá sem a presença do corpo físico, “no contexto virtual”.

O Brasil é um dos países onde o crescimento de internautas é significativo, mas, por outro lado, é também um país de limitado alcance em termos de oportunidades de acesso a um cuidado de enfermagem qualificado. Assim, nossos resultados de pesquisa poderiam subsidiar profissionais de enfermagem que objetivem criar, facilitar ou moderar grupos virtuais de profissionais ou de profissionais, clientes e famílias, permitindo o alcance de uma melhor e mais significativa aprendizagem profissional e das práticas de autocuidado (no caso de clientes e famílias).

Apresentamos alguns elementos sobre as influências da interação social na criação de contextos de relacionamento de apoio e ajuda em comunidades virtuais, o que pode facilitar aos enfermeiros experiências de encontros que sejam relevantes para os clientes e suas famílias.

Também os resultados aqui apresentados podem oferecer um ponto de partida conceitual para os desafios de garantir nas situações de teleenfermagem (tecnologias e procedimentos para gerenciamento de aspectos clínicos do cliente que podem ser monitorados a distância por tecnologias de transmissão de dados e telecomunicação) a sensação de presença do enfermeiro, de modo a estabelecer o relacionamento terapêutico enfermeiro/cliente.

Por fim, pensamos que a enfermagem, em especial, a enfermagem fundamental, possa se ocupar com a busca do que há por trás da interação do comportamento. Há ainda muito a se recomendar como pesquisa na área, porém entendemos que dados qualitativos relevantes possam advir de uma análise da interação na perspectiva metodológica da análise da conversação. Supomos que no ato comunicativo de conversação entre as identidades virtuais há muito de tecnologias interativas, de arte e bases conceituais que podem interessar à enfermagem.

INTERACTION IN VIRTUAL ENVIROMENTS: CONSIDERATIONS FOR THE ART OF NURSING**ABSTRACT**

This statistical-descriptive study has the purpose of characterizing computer-mediated interaction and correlating this interaction with the nature of nursing. An analytical and descriptive methodology was applied. The core concepts adopted in this study were: interaction within a nursing perspective, Computer-Mediated Communication (CMC), and the art of nursing. The procedure used to data analysis was the content analysis. The data *corpus* for analysis was organized by analyzing messages posted by members of a nursing virtual community. The primary results show an interactive process between members of the virtual community that denotes a singularity in virtual environment interaction. Some links between interaction in a virtual environment and art of nursing are discussed. Finally, some general contributions essential for the development of skills related to virtual context and relationship with other are presented.

Key words: Nursing informatics. Art. Interpersonal relations. Computer nommunication networks. Communication.

INTERACCIÓN EN AMBIENTES VIRTUALES: CONSIDERACIONES PARA EL ARTE DE LA ENFERMERÍA**RESUMEN**

Este estudio estadístico y descriptivo tuvo como propósito caracterizar la interacción por medio de la computadora y correlacionarla a las dimensiones de la naturaleza de la enfermería. Aplicamos una metodología analítica y descriptiva. Fueron conceptos centrales para el estudio los de la interacción en la perspectiva de la Enfermería; de la Comunicación por el Medio de la Computadora (CMC); y el del arte de la enfermería. La técnica utilizada fue el análisis de contenido. El material de análisis fue compuesto por un *corpus* de mensajes electrónicos producidos por los participantes de una comunidad virtual de enfermería. Los principales resultados evidencian un proceso de interacción entre los participantes de la comunidad virtual, que expresa una singularidad en la interacción en ambientes virtuales. Presentamos y discutimos algunos vínculos entre la interacción en ambientes virtuales y el arte de la enfermería. Finalmente, son presentadas algunas contribuciones generales que este estudio puede ofrecer para el desarrollo de habilidades para la creación de contextos que privilegien el encuentro en comunidades virtuales.

Palabras Clave: Informática en enfermería. Arte. Relaciones interpersonales. Redes de comunicación de computadoras. Comunicación.

REFERÊNCIAS

- CARPER, B. Fundamental ways of knowing in nursing. *Adv. Nurs. Sci.*, Frederick, v. 1, n.º 1, p. 13-23, 1978.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- HERRING, S. Interactional Coherence in CMC. *Journal Computer-Mediated Communication*, v. 4, n. 4, June 1999. Supplement 1. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol4/issue4/herring.html>>. Acesso em: 13 set. 2005.
- HONEY, M.; GUNN, C.; NORTH, N. Creating a learning community of postgraduate nurses through online discussion In: ASCILITE CONFERENCE, 2001, Perth. **Online Conference proceedings...** Perth: HERDSA, 2004. p. 413-422. Disponível em: <<http://www.ascilite.org.au/conferences/perth04/procs/pdf/honey.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2005.
- JOHNSON, J. L. Nursing science: basic, applied, or practical? Implications for the art of nursing. *Adv. Nurs. Sci.*, Frederick, v. 14, n.º 1, p. 7-16, Sept. 1991.
- JOHNSON, J. L. A dialectical examination of nursing art. *Adv. Nurs. Sci.*, Frederick, v. 17, n.º 1, p. 1-14, Sept. 1994.
- JUNGBLUT, A. L. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 97-121, jan./jun. 2004.
- MATURANA, H. **A ontologia da realidade.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.
- MATURANA, H. Entrevista. **Humanitates**, Brasília, DF, v. 1, n. 2, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.humanitates.ucb.br/2/entrevista.htm>>. Acesso em: 13 maio 2006.
- PRIMO, A. F. T.; CASSOL, M. B. F. **Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias**, 2004. Disponível em: <<http://usr.psic.ufrgs.br/~aprimo/pb/pgie.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2006.
- VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico.** 2. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- WALDOW, V. R. Examinando o conhecimento na enfermagem. In: MEYER, D. E.; WALDOW, V. R.; LOPES, M. J. (Org.). **Marcas da diversidade: saberes e fazeres da enfermagem contemporânea.** Porto alegre: Artmed, 1998. p. 53-85.

Endereço para correspondência: Macia de Assunção Ferreira. DEF/EEAN. Rua Afonso Cavalcanti, 275. Cidade Nova – Centro. Rio de Janeiro – RJ. CEP: 21211-110. E-mail: marciamata@bol.com.br

Recebido em: 03/04/2006

Aprovado em: 13/11/2006